



11ª Edição | Concurso

ENCONTRO DE POESIA

TEMA | FADO

No âmbito das comemorações do
Centenário do nascimento de
Amália Rodrigues

© Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, março 2020

Todos os direitos reservados.

Índice

1. FAIXA ETÁRIA ATÉ AOS 9 ANOS	3
Fado Sentido	4
Autoria: Compincha das Rimas	4
2. FAIXA ETÁRIA DOS 10 AOS 13 ANOS	5
3. FAIXA ETÁRIA DOS 14 AOS 17 ANOS	6
Sou o Fado	7
Autoria: Santino Shop	7
4. FAIXA ETÁRIA DOS 17 ANOS EM DIANTE	8
Pescador	9
Autoria: Abel Conceição	9
Fado	10
Autoria: Branca Rosado	10
Da Sorte e do Destino	11
Autoria: Divânia Dante	11
Fado da Devoção	12
Autoria: Georgina Amaro	12
A ti	13
Autoria: Graça do Paço	13
Fado atordado	15
Autoria: J_M_Ângelo	15
Diz-me, poesia... ..	16
Autoria: José de Castro	16
Fado	19
Autoria: Li Figueiredo	19
Ó, tantas saudades de ti!	21
Autoria: Oculto	21
Rio sem razão	22
Autoria: Pedro Melo Pestana	22
Há nove anos foi assim... ..	23
Autoria: Poeta da meia-noite	23

1.FAIXA ETÁRIA ATÉ AOS 9 ANOS

Fado Sentido

Autoria: Compincha das Rimas

O fado nasceu
Dos cânticos dos mouros
Tão bonitas as músicas
Parecem tesouros

Gosto tanto de escutar fado
Não vou parar de ouvir
É música do meu agrado
Faz-me sempre sorrir

Alegro-me tanto quando o oiço
Sinto o coração a palpar
Amália cantava tão bem
Parecia fácil de entoar

Amália nasceu
Para ser fadista
Com voz tão bela
Era capa de revista

Há muita história
Dessa memorável cantora
Com sua voz forte
Terna e acolhedora

Nos dias que correm
Há fadistas diferentes
Com canções modernas
Corações quentes

Cantam o fado
De alma portuguesa
Com o som profundo
Da mais pura beleza

2.FAIXA ETÁRIA DOS 10 AOS 13 ANOS

[sem participantes]

3.FAIXA ETÁRIA DOS 14 AOS 17 ANOS

Sou o Fado

Autoria: Santino Shop

Sou música apreciada pela alma
Encarnação de um destino incerto
Os lamentos que o coração clama
Muita tristeza e saudades, decerto

Ao início, cantado em segredo
Nos bairros pobres da capital lisboeta
Associado à noite desde cedo
A minha cor típica sempre foi a preta

Saudade, ciúme, nostalgia, amor
Principais responsáveis pela dor
Eram antes os meus temas mais comuns

Cantado com uma voz sentimental
Sou um marco nacional e internacional
Sou o Fado, sou a alma de Portugal!

4.FAIXA ETÁRIA DOS 17 ANOS EM DIANTE

Pescador

Autoria: Abel Conceição

Vou à pesca dentro de mim
E mergulho nas memórias e nos meus complexos,
Como num mar de espelhos, meus reflexos,
Mostram-me como um poço, mas sem fim.
E, se por acaso, pescar na hora
Memórias de pesar e de dor,
Não as atiro borda fora
Como outro qualquer pescador.
Oh, triste sina que nada me ensina.
E andar à deriva não é vida.
Olhar para trás dificulta o andar em frente
E estas memórias em nada me ajudam no presente.
Mas, carrego-as no porão,
Elas pesam-me e atrasam-me o passo
E fico sem espaço,
Para as boas memórias que virão.

Fado

Autoria: Branca Rosado

Fado, voz de um povo
Que canta com alma,
Transpiras um sentimento
Que dói mas que acalma...

Fado, transmites saudade...
Um destino traçado
De um povo presente,
A cantar o passado.

A tua guitarra chora
Vida, amor e ciúme,
Os dedos que dedilham
Choram um grito de queixume...

Símbolo de Portugal,
És a nossa identidade!
Orgulho nacional,
Fado: tu és a verdade!

Fado, nosso expoente máximo
Da cultura e da tradição,
És único no mundo,
Acalentas o nosso coração!

Da Sorte e do Destino

Autoria: Divânia Dante

Há sempre uma manhã
Que me abraça, sufocando.
E desilude-me.
Penso no que dizem
No que é falado de cor
Sabem quem eu sou?
Sabem quantas vezes morri?
Sabem quantas vezes me calei
E, insatisfeita, inventei
Sorrisos de condescendência?
Sabem quantas vezes deixei de escrever,
Para poder ter
Uma paz submersa?
Acato uma conversa
Digo que sim em jeito de não...
Quantas vezes desejei silêncio
E não o procurei.
Descontrolada, a palavra afastei
Juntamente com os móveis do quarto
Desarrumei as gavetas
Como faço com a minha mente...
E encontros?
Também os evitei.
Ainda que os desejasse,
Vinha o medo da desilusão.
Querer agradar aos outros é a maior prisão.
E se eu agora gritar
E desta maleita sarar
- seja vida ou morte -
- deixo isso à sorte -
Será a minha libertação.

Fado da Devoção

Autoria: Georgina Amaro

do que à tua imagem mais pedia
só isto há de tê-la idolatrado:
meu submisso pulso de amor rasgado
dessaangrando em fado a poesia

são múrmuras vozes, um quase grito
devoto a ti – e ao mais disperso –;
ovo porém de quê, nascituro verso
se tudo a celebrar foi já escrito?

esqueci então em que rosário bento
vão girando as contas deste chorar,
que degrau se desfalcou tão desatento
na longa cadeia de lances por calcar

já nem a Deus peço que me conforte:
só aquele que me deite pelo linho,
numa hospedagem a meio caminho,
entre o meu cansaço e a morte

diz-me agora à fé, singular amor,
pelas oblíquas desta apta solidão,
sem te esperar o toque, e sem temor:
que fazer de nós senão religião?

A ti

Autoria: Graça do Paço

Tanta miséria.

Tanto corpo num só espaço

tantas bocas

sem alimento

Tanta miséria.

Tantas mãos sujas

trabalhos indignos

crianças, velhos, mulheres, homens

sem roupas, sem nada.

Tanta miséria.

Tanta promiscuidade

tanta vergonha e sem vergonha

de vidas que não escolheram

que não têm ajuda

Tanta miséria.

É com pouca luz

com corações vendidos

com promessas ouvidas

tantas vezes

Tanta miséria.

Tantas vozes sem uma

só, que as una

mude o seu destino

cruel

onde a maior certeza

os sinos

toquem hora da despedida

sem ninguém

mais um final

miserável
onde ninguém aqui
soube
alterar a vida
destes,
que menos têm.
A ti.

Fado atordado

Autoria: J_M_Ângelo

O meu fado, é um fado de roupa rasgada
É uma mesa posta, com um copo de vinho
É uma cama despida de ti
É uma memória da madrugada

O meu fado é olhar o rio e não evitar saltar
É um fado que se canta de rouquidão
Ao ouvido de alguém
Com a amargura de quem só sabe amar

Este fado, que me corre no peito
Como um rio sem foz
Que me afoga em sentidos
Da maneira mais atroz

É um fado que começa
Não acabando, em lugar algum
Como a minha dor, que começa aqui
Terminando, em lugar nenhum.

Diz-me, poesia...

Autoria: José de Castro

Diz-me, poesia, o que és?

Já perguntei aos entendidos,

Aos que sobre ti são estudiosos,

Aos que te escrevem,

Aos que te lêem,

Aos que, por ti, foram vencedores

E aos que, por ti, se sentem desanimados,

Incapazes... ou vencidos;

Já interroguei pessoas ilustres... famosos,

E todos aqueles que se perderam de amores,

Sem esquecer os que ainda estão apaixonados!

Diz-me, poesia, o que és?

Já questionei os que fizeram de ti

Uma arma de luta...

E te deram a força da canção;

Ousei interrogar os poetas que li,

Os músicos, os maestros...os cantores;

E os simples... aqueles que na labuta

Lutam por um mísero pedaço de pão!

Diz-me, poesia, o que és?

Eu já trilhei todos os caminhos,

Já perguntei ao sol e à lua,
Aos rios, ao mar, à bruma...
Aos animais selvagens... aos passarinhos,
Aos morcegos da minha rua...
E ninguém me deu resposta alguma!
Diz-me, poesia, o que és?
Já abordei a sede e a fome,
Já interpelei a paz e a guerra,
Abeirei-me dos vadios e indigentes,
Dos que dormem num pedaço de cartão,
Despidos de sonhos... despidos do nome,
Saciando-se na fartura do relento... Que sorte!
Falei aos que rasgam o mar,
E aos que lavram a terra...
Onde rebentam as sementes;
Perguntei às estações do ano,
Às flores, às folhas, às borboletas...
Aos grilos, aos sapos e às serpentes...
Ao vento, à luz, às estrelas e aos cometas;
Até arrisquei falar à morte,
Que encontrei por engano...
E sabes?
Deixaram-me mais angustiado e aflito!
Ninguém me respondeu...
.....
Mas, rasgado o mundo de lés-a-lés,

Continuo a caminhar...

Poesia, diz-me o que és?

Diz-me que estás para lá do infinito...

Só assim continuarei a arrastar os pés,

Pois, na utopia ainda acredito...

Todos acreditamos, piamente, num céu!

Fado

Autoria: Li Figueiredo

É chorar com a alma
sem poder chorar
sentir nas lágrimas caladas
morrer,
espelhando um sorriso na face.

Os outros deixaram de acreditar,
eu sufoquei-lhes a esperança,
amarrotei-lhes a espera,
perdi-lhes o rosto confiante.
Já não creem,
apenas permanecem
com a angústia resoluta
de um dia a mim verem
ser.

Só sei que a minha alma se despedaça em mil bocados, e que
Me vou destruindo dia a dia. Vi.

Vi-lhe a desilusão no rosto
quis tocar-lhe,
e apagá-la com doce pranto.
Não consegui.
Foi dor que senti,
por a sentires também,
e chorei na minha alma.
senti as lágrimas caladas,
morri por tal expressão,
e renasci para te dar apenas,
a certeza de que um dia,
talvez venha a ser eu,
a espelhar-te a desilusão no rosto.

Há que ser fiel
e eu não te sou,
porque se o fora
talvez de ti não precisasse
meu amor.
se fidelidade conseguira eu
talvez tu de mim não me precisasses.

Ó, tantas saudades de ti!

Autoria: Oculto

Ó, tantas saudades de ti, minha nação!
Tu que me chamas com ardor.
É tão intenso o nosso amor,
tão viciante a tua paixão.

Ó, tantas saudades de ti, meu fado!
Tu que não me pedes nada.
O teu canto de voz aclamada
é exaltador, apaixonado.

Arde, discreto, o fogo
Naquele que pinta com os teus tons,
em louvor ao teu amor.

Anda, no teu jardim de cravos
Leva-me pela mão...
Ó pátria, meu coração!

Rio sem razão

Autoria: Pedro Melo Pestana

Sem motivo, sem pensar,

Foste rio sem razão.

Só consegues acalmar

Ao calor da minha mão.

Sem saber (como quem mente)

Passas sempre sem parar.

Eu corro contra a corrente –

Entre o rio, entre o mar!

Foste inverno sem outono

De um verão que já não volta,

Sonho estranho ao abandono

Entre gritos de revolta.

Maré cheia de saudade,

Praia-mar em solidão.

De ti ficou a vontade

Porque és rio sem razão.

Há nove anos foi assim...

Autoria: Poeta da meia-noite

O dia custava a clarear
Talvez ciente da importância do momento
Por detrás de umas nuvens o sol pôs-se a espreitar
Envergonhado pela participação no casamento
Há nove anos foi assim...

Eis que os primeiros raios de sol surgem no crepúsculo
Surge a esperança de que o dia poderá corresponder
Logo me preparo com tensão em cada músculo
Com fato de gala para o ânimo fortalecer
Há nove anos foi assim...

Num Mosteiro me apresento a tempo e horas
Bem sabendo que a musa não é de demoras
Família e amigos recebo com alegria
Tarefa árdua para quem tomou tal ousadia
Há nove anos foi assim...

O destaque que mereço por tua ausência
Volta rápido para mim porque o momento é dos dois
Ouço votos de felicitações com complacência
Ao longe surge uma estrela depois
Há nove anos foi assim...

Anuncia a tua chegada
Pontual como uma princesa
A todos informo na entrada
Está na hora de iniciar a empreitada
Há nove anos foi assim...

Por decisão ponderada
Assumida perante o mundo
A posição deliberada
De formar um só futuro fecundo
Há nove anos foi assim...

Lá em cima no altar
Fiquei estonteado com o teu entrar
Não que uma musa não estivesse a esperar
Mas porque a tua beleza era de estontear
Há nove anos foi assim...

E todos os ritos foram preenchidos
Com toda a dedicação
De todos os escolhidos
Com ênfase que para sempre se amarão
Há nove anos foi assim...

E assim começaram a percorrer o arco-íris da felicidade
E com dois potes de ouro foram bafejados
Pelo fim do percurso não houve obrigatoriedade
Para os seus haveres invejados
Há nove anos que tem sido assim...

Nem sempre fez sol
Mas para os dias de tempestade estão preparados
Juntos formam um só girassol
Sempre orientados e corroborados
Há nove anos que tem sido assim...

Hoje não há incerteza ou desventura
Contigo a meu lado
Só espero Boaventura
Com a certeza de ser abençoado
Há nove anos que tem sido assim...

Há nove anos que tem sido assim...

Nunca pensei ser tão feliz

Somos quatro nesta viagem

Todos com força motriz

Imbuídos de camaradagem.

Venham mais nove!